

A IMPORTÂNCIA DE SER

# Prudente

UM MARIDO IDEAL E OUTRAS PEÇAS

OSCAR WILDE

*Veríssimo*

A IMPORTÂNCIA  
DE SER

**Prudente**

UM MARIDO IDEAL E OUTRAS PEÇAS

OSCAR WILDE

TRADUÇÃO  
*Januário Leite*

A IMPORTÂNCIA  
DE SER

**Prudente**

UM MARIDO IDEAL E OUTRAS PEÇAS

*Veríssimo*



Oscar Wilde

# PREFÁCIO

NESTE VOLUME, O LEITOR É CONVIDADO A ADENTRAR O UNIVERSO TEATRAL DE Oscar Wilde, um terreno em que a sagacidade e a elegância estão tão intrínsecas quanto as cortinas que se abrem no palco. Wilde, mestre indiscutível da comédia de costumes, oferece-nos um repertório de peças que transcende a sua época, consolidando seu lugar como um ícone na história da literatura.

*O Leque de Lady Windermere*, *Um Marido Ideal*, *Uma Mulher Sem Importância* e *A Importância de Ser Prudente* formam um quarteto que sublima a inteligência e a sutileza do autor, revelando as camadas multifacetadas da sociedade vitoriana com um olhar perspicaz e muitas vezes mordaz. Há em cada obra uma crítica discreta às convenções sociais, um retrato das dualidades humanas e um exame das aparências versus a essência.

*O Leque de Lady Windermere* é uma intrincada dança de moralidade e hipocrisia, em que o objeto que dá título à obra atua como um símbolo da fragilidade e da força femininas. A peça é um convite a refletir sobre a reputação e os complexos laços de amor e dever.

Em *Um Marido Ideal*, somos confrontados com o tema da corrupção política e a redenção pessoal, imperando a ideia de que o passado não deve ser uma corrente inquebrável que nos determina indefinidamente.

*Uma Mulher Sem Importância* nos leva por uma jornada acerca do julgamento sumário e o papel da mulher na sociedade, com um tom que oscila entre o satírico e o profundamente emocional.

E, por fim, *A Importância de Ser Prudente* revela Wilde no apogeu de sua arte cômica. A obra é uma celebração do artifício sobre a sinceridade, do duplo sentido e da inteligência afiada que disfarça a ferocidade da crítica em charme e leveza.

Esse quarteto de peças está imbuído do que há de mais refinado na estética wildeana. Não há aqui adornos desnecessários ou excessos ornamentais; a beleza está na precisão com que Wilde esculpe suas palavras, na arquitetura de suas frases e na agudeza de seus diálogos. Oscar Wilde captura a eternidade nos detalhes. Com ele, o teatro transcende a mera representação e se torna um espelho crítico de uma sociedade intrinsecamente adornada por suas próprias contradições.

Com a leitura destas páginas, aprecia-se não somente a arte dramática, mas também a arte da vida, esmiuçada pelo autor com uma precisão quase cirúrgica. Oscar Wilde não apenas escreveu para a sua época; suas obras são vivas, pulsantes e relevantes para sempre. Este é o verdadeiro triunfo de sua arte: a capacidade de ser infinitamente contemporânea.

Sejam bem-vindos ao teatro de Oscar Wilde, onde a beleza das palavras se une a uma verdade incômoda — um lugar onde o riso e a seriedade são os dois lados da mesma cortina que se desvela. Enjoy the play.

— OS EDITORES



# O LEQUE DE LADY WINDERMERE

Representada pela primeira vez em 20 de fevereiro de 1892, no St. James's Theatre, em Londres.

## **PERSONAGENS**

Lorde Windermere  
Lorde Darlington  
Lady Ágata Carlisle  
Lorde Augustus Lorton  
Lady Plymdale  
Sr. Dumby  
Sr. Cecil Graham  
Lady Stutfield  
Lady Jedburgh  
Sra. Cowper-Cowper  
Sr. Hopper  
Parker, *mordomo*  
Lady Windermere  
Duquesa de Berwick  
Sra. Erlynne  
Rosalie, *empregada*

## **TEMPO**

Presente

## **LUGAR**

Londres

*A ação da peça decorre no espaço de vinte e quatro horas, começando numa terça-feira, às cinco horas da tarde, e terminando no dia imediato, à uma hora e trinta da tarde.*

# PRIMEIRO ATO

## CENA

*Sala de café da manhã da residência de lorde Windermere em Carlton House. Portas ao centro e à direita. Secretária com livros e papéis à direita. Sofá com mesinha de chá à esquerda. Janela para o terraço à esquerda. Mesa à direita.*

*Lady Windermere está à mesa da direita, dispondo rosas numa taça. Entra Parker.*

**PARKER** – Vossa Excelência está em casa esta tarde?

**LADY WINDERMERE** – Estou. Quem é?

**PARKER** – Lorde Darlington, minha senhora.

**LADY WINDERMERE** – (*Hesita um momento*) Que suba! E estou em casa para todos.

**PARKER** – Sim, minha senhora.

*Sai pela porta do centro.*

**LADY WINDERMERE** – É melhor para mim falar-lhe agora. Fico feliz que tenha vindo.  
*Entra Parker pelo centro.*

**PARKER** – Lorde Darlington.

*Entra lorde Darlington pelo centro. Sai Parker.*

**LORDE DARLINGTON** – Como está, lady Windermere?

**LADY WINDERMERE** – Como está, lorde Darlington? Não, não posso lhe apertar a mão. Tenho as mãos molhadas destas rosas. Não são um encanto? Vieram esta manhã de Selby.

**LORDE DARLINGTON** – Uma perfeição. (*Vê um leque pousado na mesa*) E que maravilha de leque! Dá-me licença de o examinar?

**LADY WINDERMERE** – À vontade. É lindo, não é? Tem o meu nome gravado. Veio há bocadinho ainda. É um agrado de meu marido. Sabes que faço aniversário hoje?

**LORDE DARLINGTON** – Ah, faz? Não sabia.

**LADY WINDERMERE** – Faço. Entro hoje na maioridade. É um dia importante na minha vida, não é verdade? Por isso é que dou esta festa logo à noite. Sente-se.

*Continua a arranjar as flores.*

**LORDE DARLINGTON** – (*Sentando-se*) Sinto muito por não saber que era o dia do seu aniversário, lady Windermere. Teria enchido de flores a rua em frente a sua casa para lady Windermere lhes passar por cima. São feitas para você.

*Curto silêncio.*

**LADY WINDERMERE** – Lorde Darlington, aborreceu-me muito ontem à noite, no Ministério dos Estrangeiros. Receio que me vá tornar a aborrecer.

**LORDE DARLINGTON** – Eu, lady Windermere?

*Entra Parker e um criado pelo centro com uma bandeja e um serviço de chá.*

**LADY WINDERMERE** – Ponha aí, Parker. Está bem. (*Limpa as mãos com o lenço. Dirige-se para a mesinha do chá à esquerda e senta-se*) Não quer vir aqui, lorde Darlington? Sai Parker pelo centro.

**LORDE DARLINGTON** – (*Pega numa cadeira e dirige-se para a esquerda, no centro*) Estou aflito, lady Windermere. Tem de me dizer o que é que eu fiz.

*Senta-se à mesa da esquerda.*

**LADY WINDERMERE** – Bem, passou a noite toda a despender-me amabilidades.

**LORDE DARLINGTON** – (*Sorrindo*) Ah, hoje em dia vivemos todos tão apertados, que é a única coisa em que podemos ser pródigos.

**LADY WINDERMERE** – (*Abanando com a cabeça*) Não, estou falando muito sério. Não ria, é absolutamente sério o que lhe digo. Não gosto de galanteios e não compreendo por que é que há de um homem pensar que agrada enormemente uma mulher, quando lhe diz uma infinidade de coisas que não sente.

**LORDE DARLINGTON** – Ah, mas eu senti-as.

*Toma o chá, que ela lhe oferece.*

**LADY WINDERMERE** – (*Gravemente*) Antes não sentisse! Custar-me-ia muito ter de me zangar contigo, lorde Darlington. Gosto muito de você, sabe. Mas deixaria de gostar, se pensasse que é como a maior parte dos homens. Acredite, o senhor é melhor que a maior parte dos homens e parece-me às vezes que finge ser pior.

**LORDE DARLINGTON** – Todos nós temos as nossas vaidadezinhas, lady Windermere.

**LADY WINDERMERE** – Por que há de ser essa, em especial, a sua?

*Continua sentada à mesa da esquerda.*

**LORDE DARLINGTON** – (*Sentado ainda à esquerda, no centro*) Oh, hoje em dia, anda por aí pela sociedade tanta gente que presumimos boas, que me parece haver certo encanto em fingir ser mau. Se fingirmos sermos bons, o mundo leva-nos muito a sério. Se fingirmos sermos maus, já não nos leva. Tal é a espantosa estupidez do otimismo.

**LADY WINDERMERE** – Então não quer que o mundo o leve a sério, lorde Darlington?

**LORDE DARLINGTON** – Não, o mundo não. Quem é que o mundo leva a sério? Toda essa gente fastidiosa, desde os bispos até os enfadonhos. Desejaria que lady Windermere me levasse muito a sério. Lady Windermere, acima seja de quem for.

**LADY WINDERMERE** – Eu... Por quê?

**LORDE DARLINGTON** – (*Após breve hesitação*) Porque penso que poderíamos ser grandes amigos. Sejamos bons amigos. Pode um dia vir a precisar de um amigo.

**LADY WINDERMERE** – Por que diz isso?

**LORDE DARLINGTON** – Oh... Todos nós temos às vezes necessidade de amigos.

**LADY WINDERMERE** – Parece-me que já somos bons amigos, lorde Darlington. Podemos sempre assim ficar, enquanto o senhor não...

**LORDE DARLINGTON** – Não o quê?

**LADY WINDERMERE** – Não estragar tudo, dizendo-me tolices. Julga-me uma puritana, não? Bem, há em mim algo de puritana. Fui assim educada, e fico feliz. Minha mãe

morreu eu era criança. Vivi sempre com lady Júlia, irmã mais velha de meu pai, sabe. Era severa para mim, mas ensinou-me o que o mundo está esquecendo: a diferença que existe entre o que é digno e o que não é. Era intransigente. E eu o sou também.

**LORDE DARLINGTON** – Minha querida lady Windermere!

**LADY WINDERMERE** – (*Recostando-se no sofá*) Considera-me antiquada. Bem, eu sou! Iria me pesar muito estar ao nível de uma época como esta.

**LORDE DARLINGTON** – Acha esta época muito má?

**LADY WINDERMERE** – Acho, sim. Hoje em dia todos parecem encarar a vida como uma especulação. E não é. É um sacramento. O seu ideal é o amor. A sua purificação é o sacrifício.

**LORDE DARLINGTON** – (*Sorrindo*) Oh, tudo é preferível a nos sacrificarmos!

**LADY WINDERMERE** – (*Inclinando-se para diante*) Não diga isso!

**LORDE DARLINGTON** – Digo, sim! Sinto muito... Eu sei!

*Entra Parker pelo centro.*

**PARKER** – Minha senhora, os homens querem saber se devem pôr os tapetes no terraço para logo à noite.

**LADY WINDERMERE** – Parece-lhe que choverá, lorde Darlington?

**LORDE DARLINGTON** – Pode lá chover no dia do seu aniversário!

**LADY WINDERMERE** – Diga-lhes, Parker, que sim, que os ponham já.

*Sai Parker pelo centro.*

**LORDE DARLINGTON** – (*Sentado ainda*) Acha então... isto, é claro, não passa de um exemplo imaginário... acha que no caso de dois jovens casados há pouco, digamos dois anos, se o marido de repente se liga intimamente a uma amante, é claro, de caráter dúbio — a vai visitar com frequência, almoça com ela, lhe paga, provavelmente, as contas... acha que a esposa não deve procurar uma consolação?

**LADY WINDERMERE** – (*Franzindo a testa*) Uma consolação?

**LORDE DARLINGTON** – Sim, acho que deve... entendo que tem direito...

**LADY WINDERMERE** – Porque o marido é vil... deve sê-lo a mulher também?

**LORDE DARLINGTON** – Vil... Que palavra terrível, lady Windermere!

**LADY WINDERMERE** – Que coisa terrível, lorde Darlington!

**LORDE DARLINGTON** – Sabe que me parece que as pessoas boas fazem muito mal neste mundo? Certamente o maior mal que fazem é atribuírem à maldade tamanha importância. É absurdo dividir as pessoas em boas e más. O que há é pessoas encantadoras ou aborrecidas. Eu ponho-me ao lado das encantadoras, grupo a que lady Windermere não pode deixar de pertencer.

**LADY WINDERMERE** – Agora, lorde Darlington... (*Erguendo-se e atravessando à direita, na frente dele*) Não se mexa. Vou apenas acabar as minhas flores.

*Vai para a mesa da direita, no centro.*

**LORDE DARLINGTON** – (*Erguendo-se e afastando a cadeira*) E eu devo dizer-lhe que a acho demasiado severa sobre a vida moderna, lady Windermere. É claro que há muito

que dizer contra ela, admito. A maior parte das mulheres, por exemplo, são, hoje em dia, um tanto mercenárias.

**LADY WINDERMERE** – Não fale dessa gente.

**LORDE DARLINGTON** – Bem, deixando então as mercenárias, que, é claro, são terríveis, pensa a sério que nunca se deve perdoar às mulheres que cometeram aquilo que o mundo chama de falta?

**LADY WINDERMERE** – (*De pé junto à mesa*) Penso que nunca se lhes deve perdoar.

**LORDE DARLINGTON** – E os homens? Pensa que devia haver para os homens as mesmas leis que há para as mulheres?

**LADY WINDERMERE** – Decerto!

**LORDE DARLINGTON** – Acho a vida uma coisa muito complexa para ser regulada por essas normas firmes e rígidas.

**LADY WINDERMERE** – Se tivéssemos “essas normas firmes e rígidas”, acharíamos a vida muito mais simples.

**LORDE DARLINGTON** – Não admite exceções?

**LADY WINDERMERE** – Nenhuma!

**LORDE DARLINGTON** – Ah, que fascinante puritana, lady Windermere!

**LADY WINDERMERE** – Era desnecessário o adjetivo, lorde Darlington.

**LORDE DARLINGTON** – Não pude evitá-lo. Posso resistir a tudo, menos à tentação.

**LADY WINDERMERE** – Tem a afetação moderna da fraqueza.

**LORDE DARLINGTON** – (*Olhando para ela*) É apenas uma afetação, lady Windermere.

*Entra Parker pelo centro.*

**PARKER** – A duquesa de Berwick e lady Ágata Carlisle.

*Entram a duquesa de Berwick e lady Ágata Carlisle pela porta do centro. Sai Parker pelo centro.*

**DUQUESA DE BERWICK** – (*Avançando pelo centro e apertando a mão de lady Windermere*) Querida Margarida, tenho tanto prazer em ver-te. Lembras-te de Ágata, não? (*Atravessando para a esquerda centro*) Como está lorde Darlington? Não quero deixá-lo conhecer a minha filha, o senhor é muito mau.

**LORDE DARLINGTON** – Não diga isso, duquesa. Como homem mau, falhei completamente. Ora essa, há muita gente que diz que eu nunca pratiquei uma ação má em toda a minha vida. Só dizem isso, é claro, nas minhas costas.

**DUQUESA DE BERWICK** – Não é terrível? Ágata, este senhor é lorde Darlington. Mas olha, não acredite em uma só palavra do que ele diz. (*Lorde Darlington atravessa para direita centro*) Não, não quero chá, obrigada, querida. (*Vai sentar-se no sofá*) Tomamos agora mesmo chá na casa de lady Markby. Que porcaria de chá! Era absolutamente intragável! Mas não foi para mim surpresa nenhuma. É o genro que lhe oferece. A Ágata está ansiosa pelo seu baile de logo à noite, querida Margarida.

**LADY WINDERMERE** – (*Sentada à esquerda centro*) Oh, não pense que vai ser um baile, duquesa. É apenas uma dançazinha em honra do meu aniversário. Pequeni- na e cedinho.

**LORDE DARLINGTON** – (*De pé à esquerda, centro*) Pequenininha, cedinho, e muito seleta, duquesa.

**DUQUESA DE BERWICK** – (*No sofá à esquerda*) É claro que vai ser seleta. Mas nós sabemos disso, querida Margarida, a respeito da sua casa. É realmente uma das poucas casas de Londres aonde eu posso levar a Ágata e onde me sinto perfeitamente segura quanto ao querido Berwick. Não sei para onde caminha a sociedade. Parece que a toda parte vai gente terrível. Decerto também vem às minhas festas — se a não convidamos, os homens ficam furiosos. Realmente alguém devia pôr fim a isto.

**LADY WINDERMERE** – Ponho eu, duquesa. Não admitirei em minha casa pessoa de quem se rosne algum escândalo.

**LORDE DARLINGTON** – (*Esquerda, centro*) Oh, não diga isso, lady Windermere. Então eu nunca poderia entrar aqui!

*Senta-se.*

**DUQUESA DE BERWICK** – Oh, os homens não importam! Com as mulheres o caso é diferente. Nós somos boas. Algumas, pelo menos. Mas estamos positivamente a ser empurradas para o canto. Nossos maridos iriam se esquecer de que nós existimos, se, de vez em quando, os não amolássemos, precisamente para lhes lembrarmos que temos o direito legal de o fazer.

**LORDE DARLINGTON** – Dá-se uma coisa curiosa, duquesa, no jogo do casamento, aliás, que está saindo de moda — a esposa tem na mão todas as honras e invariavelmente perde a vantagem do trunfo.

**DUQUESA DE BERWICK** – E esse trunfo é o marido, lorde Darlington?

**LORDE DARLINGTON** – Seria antes um bom nome para o marido moderno.

**DUQUESA DE BERWICK** – Querido lorde Darlington, que terrível depravado se saiu!

**LADY WINDERMERE** – Lorde Darlington é trivial.

**LORDE DARLINGTON** – Ah, não diga isso, lady Windermere.

**LADY WINDERMERE** – Então por que fala tão trivialmente da vida?

**LORDE DARLINGTON** – Porque entendo que a vida é uma coisa importante demais para dela se falar sério.

*Dirige-se para o centro.*

**DUQUESA DE BERWICK** – O que ele quer dizer? Por favor, lorde Darlington, como concessão à minha pobre inteligência, explique-me o que quer dizer.

**LORDE DARLINGTON** – (*Aproximando-se por trás da mesa*) Parece-me que é melhor não explicar. Hoje em dia ser inteligível é ser descoberto. Adeus! (*Aperta a mão da duquesa*) E agora (*sobe ao palco*) lady Windermere, adeus! Talvez eu venha logo aqui, posso vir? Deixe-me vir, deixe!

**LADY WINDERMERE** – (*Acompanhando lorde Darlington*) Sim, decerto. Mas não há de dizer tolices, tolices insinceras.

**LORDE DARLINGTON** – (*Sorrindo*) Ah! Começa já a me regenerar. É uma coisa perigosa regenerar alguém, lady Windermere.

*Faz uma saudação e sai pelo centro.*

**DUQUESA DE BERWICK** – (*Que se levantou e se dirige para o centro*) Que encantadora e perversa criatura! Gosto tanto dele! Lamento que tenha ido embora! Que linda está! Onde arranja os seus vestidos? E agora devo dizer-lhe que pena tenho de você, Margarida... (*Vai sentar-se no sofá com lady Windermere*) Ágata, meu amor!

**LADY ÁGATA** – Sim, mãe.

*Ergue-se.*

**DUQUESA DE BERWICK** – Queres ir ver o álbum de fotografias que está ali?

**LADY ÁGATA** – Quero, sim, mamãe.

*Vai para a mesa da esquerda.*

**DUQUESA DE BERWICK** – Querida pequena! Gosta tanto de fotografias da Suíça! Tem um gosto muito apurado, parece-me. Mas tenho realmente muita pena de ti, Margarida.

**LADY WINDERMERE** – (*Sorrindo*) Por quê, duquesa?

**DUQUESA DE BERWICK** – Oh, por causa daquele horror de mulher. De mais a mais, veste tão bem, o que muito mais agrava o caso, é um exemplo terrível. O Augustus — conhece o meu desacreditado irmão, que tem sido o desgosto de nós todos — anda completamente doido por ela. É um escândalo, pois é uma mulher absolutamente inadmissível na sociedade. Muitas mulheres têm um passado, mas disseram-me que essa tem pelo menos uma dúzia, e que todos eles se encaixam.

**LADY WINDERMERE** – De quem fala, duquesa?

**DUQUESA DE BERWICK** – De sra. Erlynne.

**LADY WINDERMERE** – Sra. Erlynne? Nunca ouvi falar dela, duquesa. E que tem ela a ver comigo?

**DUQUESA DE BERWICK** – Minha pobre filha! Ágata, meu amor!

**LADY ÁGATA** – Mamãe!

**DUQUESA DE BERWICK** – Queres ir ao terraço ver o pôr do sol?

**LADY ÁGATA** – Quero, sim, mamãe.

*Sai pela esquerda.*

**DUQUESA DE BERWICK** – Moça encantadora! Gosta tanto dos poentes! Mostra uma tal delicadeza de sentimentos, não é? Afinal de contas, não há nada como a natureza, não é verdade?

**LADY WINDERMERE** – Mas que é, duquesa? Por que me fala dessa pessoa?

**DUQUESA DE BERWICK** – Então, de fato, não sabe? Asseguro-lhe que nos afligiu imenso sabê-lo. Só ontem à noite em casa da querida lady Jansen toda a gente achava extraordinário que dentre todos os homens de Londres o Windermere assim procedesse.

**LADY WINDERMERE** – Meu marido... Que tem ele a ver com mulheres dessa laia?

**DUQUESA DE BERWICK** – Ah, que tem, querida? Aí é que bate o ponto. Vai vê-la continuamente, passa horas na casa dela e, enquanto lá está, ela não está em casa para mais ninguém. Não que lá vão muitas senhoras, querida, mas ela tem muitos amigos, de fraca

reputação — o meu irmão, especialmente, como já lhe disse — e é o que mais terrível torna o caso para o Windermere. Nós o considerávamos o marido modelo, mas receio que não haja dúvida. As minhas queridas sobrinhas — conhece as Saville, não? —, moças muito simpáticas, pacatas, umas simplórias, mas tão boas pequenas, estão sempre à janela a trabalhar, a fazer coisinhas para os pobres, o que me parece muito útil nestes medonhos tempos socialistas, e essa terrível mulher alugou uma casa na Curzon Street, mesmo em frente a delas — de mais a mais, uma rua tão respeitável. Não sei aonde iremos parar! E dizem-me que o Windermere vai lá quatro ou cinco vezes por semana — elas o veem. Não podem deixar de o ver — e, embora não cultivem a má-língua, falam, é claro, disso a toda a gente. E o pior de tudo é que vim a saber que essa mulher tem quem lhe dê muito dinheiro, pois parece que veio para Londres há seis meses sem coisíssima nenhuma, e agora tem essa encantadora casa em Mayfair, passeia os seus põeis no parque todas as tardes e tudo isso — sim, tudo desde que travou relações com o pobre do Windermere.

**LADY WINDERMERE** — Oh, não posso acreditar!

**DUQUESA DE BERWICK** — Mas é absolutamente verdade, querida. Não há em Londres ninguém que não o saiba. Foi por isso que eu achei que o melhor era vir aqui preveni-la e lhe dar o conselho de levar imediatamente o Windermere para fora, para Homburg ou para Aix, onde ele pode se divertir e você pode observá-lo o dia todo. Asseguro-lhe, minha querida, que, em várias ocasiões, nos meus primeiros tempos de casada, tive de me fingir doente e fui obrigada a beber toda a casta de águas minerais, só para tirar o Berwick da cidade. Ele era de uma suscetibilidade extrema. Todavia, não posso deixar de dizer que nunca gastou assim dinheiro com ninguém. É homem de altos princípios para tal!

**LADY WINDERMERE** — (*Interrompendo*) Duquesa, duquesa, é impossível! (*Erguendo-se e atravessando o palco para o centro*) Há apenas dois anos que estamos casados. O nosso filho só tem seis meses.

*Senta-se na cadeira da mesa da esquerda.*

**DUQUESA DE BERWICK** — Oh, querido anjinho! Como está esse amorzinho? É menino ou menina? Antes seja menina! Oh, não, lembro-me agora, é um menino! Que pena! Os rapazes são tão maus. O meu é excessivamente imoral. Não acredita a que horas ele entra em casa, se eu lhe disser. E há apenas uns meses que veio de Oxford — realmente não sei o que lhe ensinam lá!

**LADY WINDERMERE** — Os homens são todos maus?

**DUQUESA DE BERWICK** — Oh, todos, minha querida, todos, sem exceção. E nunca se tornam melhores. Os homens se fingem velhos, mas bons é que nunca se tornam.

**LADY WINDERMERE** — Eu e o Windermere casamos por amor.

**DUQUESA DE BERWICK** — Sim, é assim que começamos. Foram só as brutais e incessantes ameaças de suicídio do Berwick que me fizeram decidir a aceitá-lo, e ainda não tinha acabado o ano e ele já andava a correr atrás de toda a espécie de saias, de todas as cores, de todos os feitios, de todas as qualidades. Um dia, ainda em plena lua de mel, apanhei-o a piscar o olho a uma empregada, linda moça, muito séria. Despedi-a imediatamente. Não, recordo-me,

passei-a para minha irmã; o pobre do meu cunhado é tão míope, pensei que não faria mal. Mas fez... Foi uma desgraça. (*Levanta-se*) E agora, querida filha, tenho de me retirar, pois vamos jantar fora. E tem cuidado, não leve essa aberração do Windermere muito a sério. Leve-o para fora e ele não tardará a ser todo seu e só seu.

**LADY WINDERMERE** – Só meu?

*Centro.*

**DUQUESA DE BERWICK** – (*Esquerda centro*) Sim, querida, estas perversas nos tiram os maridos, mas eles voltam sempre para nós, levemente avariados, é claro. E não faça cena, é coisa que os homens detestam!

**LADY WINDERMERE** – É grande bondade da sua parte, duquesa, vir aqui me dizer tudo isso. Mas não posso acreditar que meu marido seja infiel.

**DUQUESA DE BERWICK** – Linda criança! Eu também era assim. Agora sei que os homens são todos uns monstros. (*Lady Windermere toca a campainha*) A única coisa que há a fazer é alimentar bem esses patifes. Uma boa cozinheira faz maravilhas e isso sei eu que você tem. Minha querida Margarida, não vai começar a chorar, não?

**LADY WINDERMERE** – Não receie, duquesa, eu nunca choro.

**DUQUESA DE BERWICK** – Fazes muito bem, querida. Chorar é o refúgio das mulheres feias, mas é a ruína das bonitas. Ágata, meu amor!

**LADY ÁGATA** – (*Entrando pela esquerda*) Mamãe!

*De pé por trás da mesa da esquerda centro.*

**DUQUESA DE BERWICK** – Vem dizer adeus a lady Windermere e agradecer-lhe esta encantadora visita. (*Descendo de novo*) E a propósito, tenho de agradecer-lhe ter mandado um cartão ao sr. Hopper — aquele rico australiano por quem tanto se interessam agora. O pai dele fez fortuna a vender conservas em latas circulares — mais saborosas, acho —, imagino que é aquilo que os criados se recusam sempre a comer. O filho, porém, é muito interessante. Acho que o que o atrai é a conversa inteligente de Ágata. É claro, custar-nos-ia muito perdê-la, mas penso que a mãe que não se separa da filha todas as temporadas não lhe tem verdadeira afeição. Voltamos logo à noite, querida. (*Parker abre a porta do centro*) E lembre-se do meu conselho — leva o pobre do homenzinho para fora imediatamente, é o único remédio. Adeus, mais uma vez. Vamos, Ágata.

*Saem a duquesa e lady Ágata pela porta do centro.*

**LADY WINDERMERE** – Que horror! Compreendo agora o que lorde Darlington queria dizer com o exemplo daqueles que não tinham ainda dois anos de casados. Oh! Não pode ser verdade — ela falou de enormes quantias pagas a essa mulher. Sei onde o Artur guarda a caderneta do banco — numa das gavetas daquela mesa. Podia assim descobrir tudo. E quero descobrir. (*Abre a gaveta*) Não, é algum equívoco hediondo. (*Ergue-se e vai para o centro*) Tolices da má-língua! Ele me ama! Me ama! Mas por que não hei de ver? Sou sua mulher, tenho direito de ver! (*Volta à secretária, tira a caderneta e a examina página por página, sorri e solta um suspiro de alívio*) Já o sabia! Não há uma palavra de verdade em toda essa estúpida história. (*Torna a colocar a caderneta na gaveta. Ao fazê-lo tem um sobressalto e tira outra caderneta*) Uma segunda caderneta — particular e fechada com cadeado. (*Tenta abri-la, mas em vão. Vê uma faca corta-papel*

*em cima da mesa e com ela arranca a capa da caderneta. Começa a ler na primeira página)*  
“Sra. Erlynne, seiscentas libras... Sra. Erlynne, setecentas libras... Sra. Erlynne, quatrocentas libras...”. Oh, é verdade! É verdade! Que horror!

*Atira a caderneta ao chão. Entra lorde Windermere pelo centro.*

**LORDE WINDERMERE** – Então, querida, já mandaram o leque? (*Dirigindo-se para a direita, centro. Vê a caderneta*) Margarida, você abriu a minha caderneta do banco. Não tem direito de fazer isso!

**LADY WINDERMERE** – Acha que procedi mal em descobrir-la, não é verdade?

**LORDE WINDERMERE** – Acho que procede sempre mal a mulher que espia o marido.

**LADY WINDERMERE** – Eu não o espiei. Até há meia hora eu nem sequer sabia da existência dessa mulher. Alguém que teve pena de mim teve a bondade de vir me dizer o que em Londres já todos sabem — as suas visitas diárias à Curzon Street, a sua doídice, as monstruosas quantias que esbanja com essa infame!

*Atravessando para a esquerda.*

**LORDE WINDERMERE** – Margarida! Não pode falar assim de sra. Erlynne. Não sabe o quanto é ingrata!

**LADY WINDERMERE** – (*Voltando-se para ele*) É muito atento à honra de sra. Erlynne. Quem dera que fosse assim atencioso com a minha!

**LORDE WINDERMERE** – A sua honra está intacta, Margarida. Nem por um momento pense que...

*Guarda a caderneta na gaveta.*

**LADY WINDERMERE** – Penso que você gasta o seu dinheiro de um modo estranho. Nada mais. Oh, não imagine que é o dinheiro que me preocupa. Pelo que me diz respeito, pode esbanjar tudo o que possuímos. Mas o que de fato me preocupa é que você, que me tinha amor, você, que me ensinou a amar, passou do amor que é dado para o amor que é comprado. Oh, é horrível! (*Senta-se no sofá*) E sou eu que me sinto desonrada! Você é que não sente nada! Sinto-me manchada, profundamente manchada. Não pode conceber quanto me parecem agora hediondos os últimos seis meses — cada beijo que me deu está manchado na minha lembrança.

**LORDE WINDERMERE** – (*Dirigindo-se para ela*) Não diga isso, Margarida! Nunca tive amor por mulher nenhuma senão por você.

**LADY WINDERMERE** – (*Levanta-se*) Quem é, então, essa mulher? Por que lhe alugou uma casa?

**LORDE WINDERMERE** – Não lhe aluguei casa alguma.

**LADY WINDERMERE** – Deu-lhe o dinheiro para ela a alugar, o que vem a dar na mesma.

**LORDE WINDERMERE** – Margarida, tanto quanto eu conheço sra. Erlynne...

**LADY WINDERMERE** – Existe um sr. Erlynne... ou é um mito?

**LORDE WINDERMERE** – O marido morreu há muitos anos. Ela é só no mundo.

**LADY WINDERMERE** – Não tem parentes?

*Um silêncio.*